

OU

Nesta copa vou torcer pela Itália.

(Fonte: Pesquisa da autora.)

Como não poderia deixar de ser, nossa ancestralidade é manuseada de forma bastante negativa. Embora seja a regra – ninguém se orgulha de descender de português –, pelo menos os outros discursos resguardam algumas identificações positivas, que ocorrem principalmente no nível das relações pessoais e étnicas. Entretanto, no discurso nada tem salvação:

...Também, de português, só podia dar nisso.

Universitário

...Basta olhar para a cara do povo.

Funcionário Público

(Fonte: Pesquisa da autora.)

Embora aparentemente descompromissado com qualquer quadro político, por sua postura crítica radical, o discurso negativo popular, na realidade, vincula-se à mesma matriz ideológica do negativo erudito e é inspirado no que orienta a vida dos “países desenvolvidos”. Embora não faça uso explícito da comparação, ela se faz presente, de forma sistemática e implícita, em toda a sua postura crítica. E essa advém justamente de seu compromisso definitivo com um determinado quadro de valores a que a realidade social brasileira “teima” em não se ajustar e, pior, ainda oferece claros indícios de que terá pouca chance de fazê-lo.

## 4

## O JEITINHO E O “VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?”: UMA COMPARAÇÃO ENTRE DOIS DRAMAS SOCIAIS

Nenhuma etnografia do *jeitinho* estaria completa sem um exercício comparativo entre esse ritual e um outro bem ilustrativo da sociedade brasileira, já estudado por Roberto DaMatta em *Carnavais, malandros e heróis* (1979): “Você sabe com quem está falando?” Esta *démarche* tem como objetivo contextualizar o uso dessas duas locuções na sociedade brasileira e o significado de cada uma, enquanto expressões de um modelo de relações subjacentes ao nosso universo social.

Segundo Roberto DaMatta, um dos dilemas básicos da sociedade brasileira é o conflito constante entre as categorias indivíduo *versus* pessoa, expressões de duas vertentes ideológicas centrais do nosso sistema – o individualismo e a hierarquia. Segundo ainda o mesmo autor, a antipática locução “Você sabe com quem está falando?” expressaria justamente nossa vertente hierárquica e autoritária, ao passo que o *jeitinho* encarnaria nosso lado cordial, tão valorizado por nós, dessa mesma vertente. É meu ponto de vista que, embora ambas as locuções sejam mecanismos de transformação de indivíduos em pessoas, não são as duas faces



de uma mesma moeda. Uma análise da multiplicidade de variações em que o *jeito* surge, os argumentos e as representações utilizados para sua aplicação nos levam a supor que suas raízes poderiam estar ligadas a outras tendências da sociedade brasileira ou mesmo que esse ritual apresente um caráter sintetizador dos eixos ideológicos que transpassam o nosso universo social.

Um aspecto fundamental em relação a essas duas locuções são os limites da utilização de cada uma. Enquanto no caso do “*Você sabe com quem está falando?*” não há dúvida acerca de quais situações podem ou não ser caracterizadas como tal, o mesmo não ocorre com o *jeitinho*, cujos limites e definições são pouco claros. No primeiro caso, ocorre sempre uma situação de confronto entre uma regra ou a pessoa que a representa; ou entre duas pessoas que ignoram ou, momentaneamente, esqueceram a identidade social de cada uma e partem, face a uma situação de “terrível igualdade”, para a solução do conflito por meio da hierarquização, a fim de colocar “cada um no seu devido lugar”.

No caso do *jeitinho*, a caracterização não é tão fácil, embora a expressão seja universalmente conhecida e utilizada. Pode ser uma situação de confronto entre uma norma ou a pessoa que a representa e um indivíduo; ou pode ser uma solução individual e criativa para uma determinada situação. Pode, ainda, incluir ou não manipulação de dinheiro, mas, dependendo do montante envolvido, deixará de ser *jeito* para ser corrupção. Pode implicar reciprocidade direta e, nesse caso, para a maioria dos informantes, estamos diante de uma situação de “favor” que, embora intimamente ligada ao *jeito*, tem características próprias, como indicamos anteriormente.

Apesar de ser situação paradigmática na sociedade brasileira, o *jeitinho* não é algo substantivo, mas plenamente dependente da lógica da situação, caracterizando uma multiplicidade de eventos e desorientando alguém alheio à mecânica do sistema. Entretanto, deve-se salientar ainda que, embora ambos lidem com uma situação de confronto, a solução invocada pelo usuário do *jeitinho* jamais é a hierarquização do “*Você sabe com*

*quem está falando?*”, mas sempre a barganha, a argumentação. E isso me parece um aspecto importante e sintomático para a investigação de suas raízes.

Outras diferenças ilustrativas podem ainda ser estabelecidas entre as duas locuções. Enquanto o “*Você sabe com quem está falando?*” é um ritual de separação, radical e autoritário, de duas posições sociais e, como tal, a negação do *jeitinho*, da “cordialidade” e da “malandragem” e de todos os aspectos tomados como paradigmáticos em diversas situações para definir o “nosso povo”, a “nossa gente”, o “nosso país”, o *jeitinho* poderia ser visto como um ritual de aglutinação. Ele procura justamente juntar, e não separar, os participantes da situação. É destituído de qualquer traço de autoritarismo, pois sua eficácia reside, como já vimos, justamente no seu aspecto formal, ou seja, na maneira de pedir o *jeito*, que se espera ser simpática, cordial, igualitária etc. E mais: em vez de marcar as diferenças existentes entre as pessoas, que podem ou não existir do ponto de vista social, ele procura justamente anulá-las, invocando a igualdade entre todos e da própria condição humana – “*afinal somos todos irmãos*”, “*filhos de Deus*” ou “*hoje sou eu, amanhã pode ser ele*” etc. O próprio vocabulário utilizado nas situações de *jeitinho* enfatiza seu aspecto aglutinador e igualitário: “*meu irmão*”, “*meu amigo*”, “*companheiro*”, “*gente boa*”, “*minha tia*” etc.

Por outro lado, se o “*Você sabe com quem está falando?*” é uma expressão execrável, antipática, cujo aprendizado é implícito, considerada recurso ilegítimo à disposição dos membros desta sociedade e escamoteada como parte de nossa realidade, o *jeitinho* circula na direção oposta. Não só é legítimo e explícito, como forma de ação social, mas ainda se configura um de nossos elementos básicos de identidade social, mesmo quando caracterizado de forma negativa: um dos traços que nos definem como país e como brasileiros. Está associado simultaneamente ao nosso lado cordial, simpático, malandro e também de país que não é sério, incompetente, subdesenvolvido que prefere o papo à briga, a conciliação à disputa.



Um outro aspecto que contrasta bastante com o “*você sabe*” é que, enquanto a última locução não pode ser usada por todos – pois nem todos podem sacar do bolso do colete uma identidade no seu lugar –, o *jeitinho* pode e é utilizado democraticamente por todos. Ninguém precisa ser deputado, general, esposa de senador ou empregada de figura de alta sociedade para alcançar seus objetivos por meio do *jeitinho*. Ele pode ser dado e conseguido tanto pelo operário como pelo patrão. Qualquer um pode acioná-lo sem ter de lançar mão de sua identidade social. O anonimato das pessoas envolvidas gera uma situação de igualdade entre indivíduos que, em outras circunstâncias, poderiam estar em situações desiguais e/ou complementares.

Um outro aspecto envolvendo a questão do anonimato é que, enquanto no *jeitinho* a situação pode começar e terminar anônima, no “*você sabe*” essa possibilidade está inteiramente excluída. Uma vez acionado este mecanismo, o anonimato, responsável pela igualdade, desaparecem, para dar lugar ao desvendamento da posição de cada um em nosso esqueleto social, restabelecendo-se, assim, a desigualdade. Um exemplo do que acabamos de falar pode ser o de um coronel que pede a um caixa de banco, que já ia fechar o seu guichê, para descontar “*só mais esse cheque*”, para que ele não tenha de enfrentar uma fila. Ele pedirá, sem declarar sua identidade, e dependerá do caixa atender ou não. Se ele o fizer, fá-lo-á, como dizem os informantes, por “*boa vontade*” e nada mais.

É verdade e é importante perceber que de *jeitinho* a situação pode evoluir para o “*você sabe*”. Por exemplo, o coronel, vendo o seu pedido rejeitado, pode declarar a sua identidade e, dessa forma, tentar exercer pressão sobre o caixa, estabelecendo-se, assim, o confronto. Provavelmente, este mandará chamar o gerente, que apaziguará a situação, providenciando para que o cheque do cliente seja descontado sem o custo de o mesmo entrar na fila, mas, ao mesmo tempo, sem obrigar o caixa a descontá-lo.<sup>1</sup>

Tanto o *jeitinho* como o “*você sabe*” são situações sociais contínuas uma à outra, reversíveis. Você pode começar com o

“*você sabe*”, como no exemplo nº 10 de DaMatta (cf. 1979, p. 162), e evoluir para o *jeitinho*; ou pode começar por este e terminar com o “*você sabe*”, como no exemplo anterior.

Essa possibilidade de transformação de uma situação em outra é sintomática do papel que os valores desempenham em nosso universo social. Você só evolui de uma situação para outra porque ambas são estratégias de ação social, válidas e expressivas, entre nós. Dependendo da situação, posso ser igualitária ou hierárquica, e minha escolha sempre recai naquela que, uma análise de situação me faz crer, serei mais bem-sucedida. A minha escolha não é absoluta mas sempre relativa; e tendo como referência o indivíduo como sujeito normativo das situações. Isso me leva a pensar a sociedade brasileira como um universo social permanentemente relativista em termos de valores. Aqui, esses não teriam uma posição fixa e determinada em um eixo ideológico central, mas estariam sempre numa posição móvel; em alguns momentos, seriam o valor englobante; em outros, o englobado.

Isso é justamente o contrário do que ocorre nos Estados Unidos, onde a possibilidade de escolha é, via de regra, inexistente, visto que todo sistema se encontra unido em torno apenas de um único eixo ideológico. Lá, a postura igualitária e individualista é quase sempre a posição englobadora. Se você tentar se afastar dessa linha de conduta, será totalmente reconduzido a ela por um *Who do you think you are?* – o simétrico oposto de “*você sabe*” dentro de um universo anglo-saxão.

Seria importante lembrar que, no Brasil, o *Who do you think you are?* tem o seu equivalente lingüístico e social: “*Quem você pensa que é, hein?*” Da mesma forma que nos Estados Unidos, essa indagação, cada dia mais comum entre nós, reinsere o indivíduo no todo, de forma justamente inversa ao “*Você sabe com quem está falando?*”, demarcando, de forma clara, suas origens igualitárias e individualistas. Enquanto o “*você sabe*” coloca todos em seus devidos lugares, por meio de um mecanismo de hierarquização, o “*Quem você pensa que é?*” reconduz a pessoa a seu lugar de indivíduo junto aos demais. Enquanto o primeiro



surge a partir de uma situação igualitária em que é introduzida a hierarquização, o segundo nasce justamente de momento inverso: de uma situação desigual inicialmente, restabelecemos a igualdade. Poderíamos dizer que o “*Quem você pensa que é, hein?*” é o ritual simétrico inverso do “*Você sabe com quem está falando?*” Ambos, quando comparados, se justapõem com perfeição. Enquanto um hierarquiza, o outro restabelece a igualdade. Enquanto um valoriza a identidade social, o outro afirma que o único personagem importante é o indivíduo/cidadão. Enquanto um separa, o outro reinsere. E, assim, sucessivamente.

É importante, ainda, destacar, neste nosso exercício comparativo, que o *jeitinho* é uma relação puramente individual, pois não envolve nada além do que o eu e o outro. No *jeitinho*, você entra despojado de suas relações mais amplas com a sociedade. Os agentes sociais lançam mão de recursos predominantemente individuais, como charme, simpatia, maneira de falar etc., deixando de lado todo o arsenal de trunfos sociais tais como dinheiro, *status*, prestígio, parentesco, amizade etc. Essas categorias podem influir, e todos sabemos que influem, desde que manipuladas de forma positiva, como já vimos anteriormente no caso do “rico simpático” e “da mulher bonitinha mas convencida”. Nesse sentido, o *jeito* é uma questão de “personalidade”. Esta não é transmitida socialmente. Ninguém pode herdá-la, são recursos seus que o tornam, além de um ser moral, um ser psicológico, realmente uno e especial. Você tem ou não tem *jeito* para pedir; mas, se você tem e é capaz de utilizar bem esse recurso para conseguir o que deseja, a diferenciação que surge disso é conseqüência de seus atributos individuais. Basta, para fundamentar o que acabou de ser dito, lembrarmos-nos que os personagens típicos do *jeitinho* estão longe de serem pessoas bem-sucedidas do ponto de vista da estrutura social: o malandro e o carioca. O primeiro é um elemento intersticial entre dois mundos, um ser quase marginal; o segundo, no conjunto das representações dos tipos brasileiros, encarna a vertente de um Brasil lúdico, preguiçoso, sensual, cheio de manhas e manias, deixando o sucesso econômico e social para o paulista.

Esse aspecto do *jeitinho* é muito significativo, pois, sendo um rito que parte do pressuposto da igualdade, gera a desigualdade. A igualdade reside no estilo usado na argumentação e no fato de que todos podem lançar mão do *jeitinho*, ao mesmo tempo em que é uma questão de escolha individual concedê-lo ou não. A desigualdade reside no aspecto de que, ao se conceder o *jeitinho*, a pessoa que recebe é separada do grupo das demais na mesma situação. Embora possa se sentir constrangida por recebê-lo, caso a concessão seja pública, não há elemento de coerção que faça com que todas as pessoas, na mesma situação, se tornem elegíveis ao privilégio. Como é um mecanismo centrado no eixo “pessoal”, é válido apenas para aquela pessoa específica, e não para a classe de pessoas a que ela pertence. Como os elementos que tornam alguém elegível ao *jeitinho* são puramente individuais, sua concessão, em público, não o torna elemento de pressão, mas apenas de alguns débeis protestos.

Diferenças marcantes também são encontradas nas diversas reações ao uso de cada uma dessas expressões. A pessoa que faz uso do “*Você sabe com quem está falando?*” está sujeita a ser motivo de riso, deboche e total desaprovação, arriscando-se a levar um “*Quem você pensa que é, hein?*” por parte de quem assiste a esse drama social ou de quem também é protagonista do mesmo. Aliás, essa forma de enfrentar o “*você sabe*” com um “*quem você pensa*” se torna cada dia mais freqüente no nosso universo social. Grande parte dos informantes afirmaram ser essa uma forma de dar conta, de forma cabal, de qualquer tentativa de diferenciação aventada por alguém, reforçando nossa idéia de que este ritual é o que se opõe definitivamente ao “*você sabe*”, por ter suas raízes claramente vinculadas a uma percepção individualista do mundo.

Por outro lado, o usuário do *jeitinho* nunca é alvo de uma censura enfática, nem se torna motivo de chiste ou galhofa. O máximo de que pode ser objeto é uma desaprovação condescendente que, na maioria das vezes, passa despercebida, por ser quase inconsciente; ou simplesmente recebe a aprovação geral. Jamais leva pela cara um “*quem você pensa*”. O fato de



não possuir um simétrico universo como o “*você sabe*” me parece algo bastante sintomático da posição que o *jeitinho* ocupa entre nós. Quem tem o seu pedido de *jeitinho* rejeitado tem-no por argumentos que se distinguem bastante do nosso “*quem você pensa*”, como, por exemplo: “*Vou ver o que posso fazer*” ou “*volte para o seu lugar que na primeira oportunidade eu chamo você*” ou “*espera aqui do lado que eu vou ver como posso resolver o seu caso*”; ou, ainda, “*não posso, querida, se eu pudesse até que faria*”. Em nenhum momento o usuário do *jeitinho* é reconduzido à sua posição de indivíduo, pelo simples fato de que ele coloca a igualdade na linha de frente, como algo socialmente dado e ideologicamente legitimado, e a desigualdade (a sua necessidade) na retaguarda, como algo conjuntural, legitimado apenas situacionalmente. Portanto, inexistente a necessidade de se restabelecer a igualdade, como no caso do “*você sabe*”, pois ela já é condição primeira para a relação entre os diferentes interlocutores.

Ainda vinculada às atitudes que os dois dramas sociais suscitam, temos as representações políticas vinculadas ao uso de um ou outro. Enquanto o usuário do *jeitinho* pode ser visto, no pólo mais negativo, como, no máximo, inconsciente ou alienado politicamente, por compactuar com esse procedimento, o usuário do “*você sabe*” provoca acusações bem mais contundentes nesse nível; é visto, no mínimo, como careta e, normalmente, como reacionário e de direita. Tentar usar a posição social, nome ou dinheiro de forma autoritária para marcar as diferenças entre as pessoas fornece, segundo os informantes, um indício de quais são os parâmetros pelos quais as pessoas orientam sua conduta social e, principalmente, política.

E, finalmente, enquanto o *jeitinho* suscita uma atitude de reciprocidade difusa positiva – “*se surgir a oportunidade, darei jeitinho também para alguém*” –, o “*você sabe*” suscita uma reciprocidade direta negativa, pois sempre se espera que, um dia, o “*cara leve o troco*” da humilhação que infligiu ao tentar “*ganhar*” de alguém com base nas desigualdades sociais existentes.

Pela mesma lógica, enquanto o “*você sabe*” estabelece sempre uma relação negativa entre os participantes desse drama social, no *jeitinho* a relação tem sempre caráter positivo. No primeiro caso, o caráter negativo advém diretamente da explicitação de uma superioridade de conteúdo social que um dos participantes quer valorizar, mas que o seu interlocutor não julga suficiente para estabelecer uma hierarquização; no segundo, a positividade emana justamente do movimento contrário. Ignora-se qualquer desigualdade de conteúdo social ou se procede como se essa não tivesse valor, reafirmando-se uma igualdade de conteúdo moral que todos os participantes valorizam.

Sinteticamente, as diferenças entre uma e outra locução podem ser melhor observadas no quadro que se segue.

“*Você sabe com quem está falando?*”

1. Faz uso da autoridade e do poder.
2. Parte do pressuposto de que as desigualdades sociais têm valor.
3. Não é acessível a todos da sociedade em todas as situações.
4. Baseia-se, para a sua eficácia, na identidade social. Faz uso dos laços com a sociedade
5. A identidade social dos participantes sempre termina desvendada.
6. Não é conhecido por todos da sociedade.
7. É um rito de separação.

“*Jeitinho*”

1. Faz uso da barganha e da argumentação.
2. Parte do pressuposto igualitário.
3. É acessível a todos da sociedade.
4. Não depende, exclusivamente, de laços mais profundos com a sociedade. Depende basicamente de atributos individuais, da personalidade.
5. Pode começar e terminar anonimamente
6. É conhecido por todos na sociedade.
7. É um rito aglutinador.



não possuir um simétrico universo como o “*você sabe*” me parece algo bastante sintomático da posição que o *jeitinho* ocupa entre nós. Quem tem o seu pedido de *jeitinho* rejeitado tem-no por argumentos que se distinguem bastante do nosso “*quem você pensa*”, como, por exemplo: “*Vou ver o que posso fazer*” ou “*volte para o seu lugar que na primeira oportunidade eu chamo você*” ou “*espera aqui do lado que eu vou ver como posso resolver o seu caso*”; ou, ainda, “*não posso, querida, se eu pudesse até que faria*”. Em nenhum momento o usuário do *jeitinho* é reconduzido à sua posição de indivíduo, pelo simples fato de que ele coloca a igualdade na linha de frente, como algo socialmente dado e ideologicamente legitimado, e a desigualdade (a sua necessidade) na retaguarda, como algo conjuntural, legitimado apenas situacionalmente. Portanto, inexistente a necessidade de se restabelecer a igualdade, como no caso do “*você sabe*”, pois ela já é condição primeira para a relação entre os diferentes interlocutores.

Ainda vinculada às atitudes que os dois dramas sociais suscitam, temos as representações políticas vinculadas ao uso de um ou outro. Enquanto o usuário do *jeitinho* pode ser visto, no pólo mais negativo, como, no máximo, inconsciente ou alienado politicamente, por compactuar com esse procedimento, o usuário do “*você sabe*” provoca acusações bem mais contundentes nesse nível; é visto, no mínimo, como careta e, normalmente, como reacionário e de direita. Tentar usar a posição social, nome ou dinheiro de forma autoritária para marcar as diferenças entre as pessoas fornece, segundo os informantes, um indício de quais são os parâmetros pelos quais as pessoas orientam sua conduta social e, principalmente, política.

E, finalmente, enquanto o *jeitinho* suscita uma atitude de reciprocidade difusa positiva – “*se surgir a oportunidade, darei jeitinho também para alguém*” –, o “*você sabe*” suscita uma reciprocidade direta negativa, pois sempre se espera que, um dia, o “*cara leve o troco*” da humilhação que infligiu ao tentar “*ganhar*” de alguém com base nas desigualdades sociais existentes.

Pela mesma lógica, enquanto o “*você sabe*” estabelece sempre uma relação negativa entre os participantes desse drama social, no *jeitinho* a relação tem sempre caráter positivo. No primeiro caso, o caráter negativo advém diretamente da explicitação de uma superioridade de conteúdo social que um dos participantes quer valorizar, mas que o seu interlocutor não julga suficiente para estabelecer uma hierarquização; no segundo, a positividade emana justamente do movimento contrário. Ignora-se qualquer desigualdade de conteúdo social ou se procede como se essa não tivesse valor, reafirmando-se uma igualdade de conteúdo moral que todos os participantes valorizam.

Sinteticamente, as diferenças entre uma e outra locução podem ser melhor observadas no quadro que se segue.

“*Você sabe com quem está falando?*”

1. Faz uso da autoridade e do poder.
2. Parte do pressuposto de que as desigualdades sociais têm valor.
3. Não é acessível a todos da sociedade em todas as situações.
4. Baseia-se, para a sua eficácia, na identidade social. Faz uso dos laços com a sociedade
5. A identidade social dos participantes sempre termina desvendada.
6. Não é conhecido por todos da sociedade.
7. É um rito de separação.

“*Jeitinho*”

1. Faz uso da barganha e da argumentação.
2. Parte do pressuposto igualitário.
3. É acessível a todos da sociedade.
4. Não depende, exclusivamente, de laços mais profundos com a sociedade. Depende basicamente de atributos individuais, da personalidade.
5. Pode começar e terminar anonimamente
6. É conhecido por todos na sociedade.
7. É um rito aglutinador.